

# A TRIALIDADE CARTESIANA E FREUDIANA DA MENTE HUMANA: DAS IDEIAS INATAS AO SUPERGO

Antonio Carlos da Silva<sup>1</sup>

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é um estudo sobre a trialidade cartesiana e freudiana da mente humana. É estudo sobre os modelos de mente (psique) apresentadas por dois grandes pensadores. Um do século XVII, René Descartes e outro do século XX, Sigmund Freud.

Na primeira parte apresenta-se um estudo sobre a trialidade cartesiana. Esse capítulo é a reprodução, com algumas modificações, da minha dissertação de mestrado, a qual foi publicada em livro, como consta na bibliografia (SILVA, 2010). A segunda é um estudo sobre o inconsciente, pré-consciente, consciente, Id, ego e superego freudianos. E, na conclusão procura-se responder as perguntas formuladas como problemas da pesquisa.

Nessa pesquisa procura-se responder duas perguntas: 1) Quais são as semelhanças e diferenças na estruturação de psique humana, feita por Descartes e por Freud? 2) O que existe de semelhança entre as ideias inatas cartesianas e o superego freudiano?

Ao longo dos capítulos, mostram-se as semelhanças e a diferenças dos modelos de psique cartesiano e freudiano. Por exemplo, ambos são dualistas. Pois, dividem o sujeito em físico e psíquico. Também são triádicos. Pois, apresentam um

---

<sup>1</sup> Possui graduação em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (1997) e mestrado em Ciência Cognitiva e Filosofia da Mente pela Unesp de Marília – SP (2001). Especialização Lato Sensu em Filosofia do Direito pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2005), Pós-Graduação Lato Sensu MBA Executivo em Gestão Empresarial pela UCDB de Campo Grande, MS (2011), Pós-Graduação Lato Sensu em Sociologia pela Universidade Gama Filho de São Paulo (2012), Pós-Graduação Lato Sensu em Ciências Políticas pela Universidade Cândido Mendes do Rio de Janeiro – RJ (2017), Pós-Graduação Lato Sensu em Sindicalismo e Trabalho pela Escola Dieese de Ciências do Trabalho – São Paulo (2019) e Pós-Graduação Lato Sensu em Teoria Psicanalítica pela Faculdade Dom Alberto, Santa Cruz do Sul – RS (2021). Experiência didática em Filosofia da Mente, Filosofia da Linguagem, História da Filosofia Moderna, Sociologia Geral e Sociologia do Direito, Ética, Metafísica, Metodologia da pesquisa científica, Lógica, Teoria do Conhecimento e Epistemologia. Técnico de Sistemas Industriais da Petrobrás (aposentado) com experiência em tratamento de água e geração de energia termoeletrica. Diretor Sindical do Sindipetro-PRSC, gestões 2015-2017, 2018-2020 e 2021/2023.

sistema anímico dividido em três partes. Nas considerações aponta-se a semelhança entre as ideias inatas e o superego.

O objetivo geral, deste trabalho, foi estudar a estruturação da mente humana nos sistemas cartesiano e freudiano. O objetivo específico foi apontar as semelhanças entre as ideias inatas e o superego.

Embora eles tenham origens de pensamentos diferentes, pois Descartes é de matriz platônica e Freud, aristotélica, mas, ao estudar suas obras podemos identificar semelhanças na forma de estruturar a psique humana. A importância desse estudo, como afirmara em minha dissertação de mestrado, que, tanto os monistas como os dualistas que não afirmem claramente que os processos mentais estão sujeitos às leis físicas, ou seja, que ocorrem em um tempo e num espaço, trazem em seu bojo resquícios de cartesianismo.

O método usado foi o da pesquisa histórico-bibliográfico. Pois, procura-se resolver o problema acima colocado através de consultas de documentos, livros e artigos científicos já publicados sobre o assunto.

## **2 O DUALISMO CARTESIANO DA MENTE**

Descartes (1996) separou a mente da matéria ao afirmar que matéria é uma substância que tem extensão e não pensa e a mente é outra substância cuja característica é pensar, e não tem extensão. Estando aquela sujeita às leis físicas e esta não.

Porém, face às dificuldades para explicar como uma substância extensa interage com uma substância não-extensa, Descartes (1996), nos seus estudos anatômicos, identificou a glândula pineal como sendo, além de o centro mediadora entre as substâncias, a sede da alma.

Descartes (1996, p. 267) parte da proposição ontológica, “[...] eu sou, eu existo” assumida por ele como verdadeira, pelo menos “[...] todas as vezes que a enuncio ou que concebo em meu espírito”. E, epistemologicamente, o filósofo procura demonstrar qual é a natureza desse Eu-existente.

O ser humano possui uma ideia clara e distinta de si, do seu eu enquanto pensamento puro; por outro lado, possui uma ideia clara e distinta do seu corpo, na medida em que é apenas uma coisa extensa – espacialmente localizada - que não pensa. Então, entende o filósofo que a alma humana - pela qual o ser humano é o

que é - é inteira e verdadeiramente distinta do seu corpo e que pode ser ou existir sem o corpo.

Para a grande questão de como uma coisa extensa e substancialmente diferente pode interagir com outra não-extensa, feita por seus opositores, Descartes (1996) utiliza a analogia com a força da gravidade para respondê-los. Pois, gravidade se distribui pelo corpo inteiro e, apesar de não ser extensa, tal força age em qualquer ponto do corpo. A alma, segundo o filósofo, tem uma ação similar.

A alma, para o filósofo, é uma coisa que pensa e a essência humana consiste somente nessa coisa que pensa, “[...] uma substância da qual toda a essência ou natureza consiste apenas em pensar” (DESCARTES, 1996, p.326). E, pensar para Descartes (1996, p.270), é a capacidade de duvidar, afirmar, negar, de amar e odiar. Que pode imaginar e conhecer algumas coisas e ignorar outras.

O corpo, segundo Descartes (1996), é divisível e a alma indivisível, existindo assim uma diferença substancial entre o corpo e a alma. Pois, ao se conceber a alma apenas como uma coisa que pensa, não se pode separá-la em partes, mas considerá-la como uma coisa única, na sua totalidade. Tanto que, ao se amputar uma parte qualquer do corpo, nada é subtraído à alma. E as faculdades anímicas de querer, sentir, conceber etc., não são parcelas da alma, pois a alma toda está envolvida para operar essas faculdades. Já, com as coisas corpóreas ocorre exatamente o contrário. Pois, o corpo pode ser dividido em partes e essas partes em outras partes, não existindo nenhuma parte que a razão não possa dividir em muitas outras partes.

## **2.1 A tríade cartesiana das ideias**

Descartes (1996) divide a mente humana triadicamente. Pois, as ideias são divididas em três categorias: ideias inatas, ideias que vêm de fora e ideias produzidas pelo eu-existente.

As ideias inatas são aquelas que vêm da própria natureza humana. Essas ideias são: a de Deus, de perfeição, do Eu-existente, das figuras geométricas, de infinito, dos números, etc.. Como são próprias da natureza humana, são perenes. Já, as ideias de sons, sol, calor, etc., são sentimentos cuja procedência é externa, portanto vêm de fora. E, as quimeras, que são ficções inventadas pelo homem.

As ideias inatas que representam substâncias contêm, segundo o filósofo, mais realidade objetiva, pois participam, por representação, em maior grau de ser ou de perfeição do que aquelas que representam apenas modos ou acidentes. Assim, a ideia de Deus, que é substância infinita para Descartes, possui mais realidade objetiva do que todas as demais ideias de substâncias finitas.

As ideias concebidas das qualidades, tais como a luz, as cores, os sons, os odores, os sabores, o calor, o frio e as outras do tato, para o filósofo, são tão obscuras e confusas que impossibilitam distinguir se são ideias de coisas reais ou de seres quiméricos ou imaginários.

A ideia clara e distinta das essências das coisas materiais é o primeiro passo, segundo Descartes (1996), para reconhecer a possibilidade da existência dessas coisas. Essa ideia clara e distinta não é elaborada por imagens das coisas tal como aparecem aos sentidos, mas é concebida pela razão.

O homem possui a capacidade para imaginar que, para o filósofo, é o ato de “[...] contemplar a figura ou a imagem de uma coisa corporal” (DESCARTES, 1996, p.270). Segundo o filósofo, a capacidade de imaginar não é garantia para a produção do conhecimento verdadeiro. Ao contrário, a imaginação permite que se produzam muitos juízos falsos. Isto porque a imaginação, mesmo sendo uma atividade da coisa pensante, está muito mais próxima dos estímulos sensoriais que outras atividades da alma. Descartes (1996) parece hierarquizar as faculdades da alma colocando como mais nobres, as puramente intelectivas, quais sejam, as de duvidar, conceber, afirmar e negar.

O filósofo também sugere que é através dos sentidos e da memória que as coisas que estão além da natureza corpórea do homem, tais como, as cores, os sons, os sabores, a dor e outras coisas semelhantes, chegam até a sua imaginação.

Pelos sentidos podemos ver a luz, as cores; perceber a extensão, as figuras, os movimentos dos corpos, a sua consistência, o seu calor, os odores, os sabores, os sons, o céu, a terra, o mar e distinguir os corpos uns dos outros. Para Descartes (1996), também é pelos sentidos que o homem percebe que possui cabeça, tronco e membros; que seu corpo está separado dos demais corpos com os quais pode sentir prazer ou dor, fome, sede e certas inclinações corporais para a alegria, a tristeza, a ira e outras paixões. Portanto, não está no poder do homem determinar a preferência da experimentação de um sentimento em relação a outro. Assim, não se

pode sentir um objeto, por mais vontade que tenha, se ele não estiver presente, e não se pode deixar de senti-lo se exposto aos sentidos.

Para Descartes, a alma está intimamente unida ao corpo. Pois, seria através das partes do corpo que todos os apetites e afecções, prazer e dor são sentidos pela alma. A separação da alma só acontece quando as faculdades físicas começam a deteriorar-se e entram em colapso, ou seja, quando ocorre a morte do corpo.

### **3 O DUALISMO FREUDIANO DA MENTE**

Freud, como Descartes, divide o ser humano de forma dualística. Pois, para ele (Freud), o corpo e a mente (psique) não são uma e mesma coisa. Freud (2010, Vol. 10, p. 247) define o corpo como um composto “[...] de carbono, hidrogênio, oxigênio, nitrogênio e algum enxofre” e a mente é o “investimento” energético de tais elementos, a qual ele denomina de libido. Como aponta Garcia-Roza (2007, p.179) que Freud, além de “[...] afirmar a existência de uma energia específica a cada sistema”, afirma também “[...] que toda energia de investimento tem como fonte as pulsões e que esta energia é a libido”. Portanto, corpo e mente são duas coisas distintas.

Para Freud (2010, Vol. 10, p. 248), os corpos orgânicos se diferenciam pela “[...] quantidade relativa desses elementos e a constituição das ligações que estabelecem entre si”. Essa é uma definição materialista clássica dos corpos, sejam eles orgânicos ou inorgânicos.

### **4 TRIALISMO FREUDIANO DA MENTE**

Na primeira tópica, Freud divide a mente (psique) humana em três partes: o Inconsciente (*Ics*), o Pré-consciente (*Pcs*) e o Consciente (*Cs*). Mais tarde, como aponta Perez (2017, p. 43), Freud descobre novos “[...] elementos como relações de *objeto, identificações, amor-ódio, sentimento de culpa inconsciente, a reformulação do narcisismo, etc.*”, dando origem a segunda tópica, também dividida triadicamente: *Id, Ego e Superego*.

## 1 O inconsciente

Segundo Perez (2017, p.35), para alguns estudiosos, a psicanálise só “[...] sobrevive graças à interrogação permanente: [...] O que é o Inconsciente?”. Parece que responder essa questão é primordial para compreender o agir humano. E, para Freud (1975, p. 23), a divisão da psique humana em consciente e inconsciente “[...] constitui a premissa fundamental da psicanálise”. Pois, segundo ele, a partir de tal divisão seria possível compreensão dos estados patológicos da mente humana.

Obviamente para a filosofia, a afirmativa do inconsciente soa como um absurdo. Pois, como se pode ter consciência de algo não consciente? Logo, do ponto de vista lógico formal, afirmar o inconsciente é *petitio principii*. E, Freud (1975, pg. 23) sabia disso. Porém, ele argumenta que, sem a concepção de um inconsciente seria impossível explicar “[...] os problemas dos sonhos e da hipnose”. Garcia-Roza (2007, p.174) afirma que “O inconsciente freudiano não é uma substância espiritual, contrafação da *res cogitans* cartesiana, nem é um lugar ou uma coisa, [...] é uma forma”. Sendo essa forma no sentido assumido pela Gestalt.

Freud (1975) defende que descritivamente há duas formas, ou tipos de inconsciente: O latente e o reprimido. A descrição no sentido dinâmico se refere somente ao que foi reprimido. Assim, as ideias não-conscientes podem alterar a mente das pessoas.

### 4.2 o pré-consciente

A partir do inconsciente, Freud (1975) aponta a existência de uma fase intermediária do processo mental entre o inconsciente e o consciente. Essa fase ou processo ele o denominou de pré-consciente.

Como exposto acima, Freud (1975) apontou dois tipos de inconsciente: o latente, que segundo ele, pode se tornar consciente, e o reprimido que por si é incapaz de se tornar consciente. E, esse inconsciente latente, que ele denominou de pré-consciente, seria o seletor do que pode e do que não pode se tornar consciente.

Freud (1975, p. 25/26), então afirmou que agora se pode trabalhar com esses “[...] três termos, *Cs*, *Pcs* e *Ics*, enquanto não esquecermos que, no sentido descritivo, há dois tipos de inconsciente, mas, no sentido dinâmico, apenas um”.

Assim, tem-se a tríade freudiana com os termos consciente (Cs), pré-consciente, (Pcs) e inconsciente (Ics).

### 4.3 O consciente

Ser consciente, para Freud (1975), é um ato apenas descritivo. Pois, embora uma ideia possa ser lembrada, ela permanece apenas temporariamente consciente no sujeito. Isso demonstraria que as ideias ficam latentes, que podem, ou não, tornar-se conscientes. Então, "[...] 'inconsciente' coincide com 'latente' e capaz de tornar-se 'consciente'" (1975, p. 24). Segundo Freud (1975) a descrição correta para esse estado é: A ideia está inconsciente. Mas, só se conhece o que é tornado consciente.

Aparece então a pergunta: Como tornar uma ideia ou pensamento inconsciente, consciente? Freud (1975) responde que é verbalizando a ideia. Portanto, a diferença entre o Ics e o Pcs/Cs é a verbalização da ideia ou do pensamento.

Para Freud (1975, p. 31/32), as representações verbais são traços mnemônicos de percepções passadas que se tornam conscientes. Assim, somente o que já foi consciente, poderá novamente se tornar consciente. A partir dessa afirmação pode-se concluir que só se pode pensar aquilo que se pode dizer. Obviamente que tal afirmação traz consigo um problema: Como pensam os surdos mudos? Parece que para Freud seria pensamento em figuras que, por estar mais próximo do Ics, é uma "[...] forma muito incompleta de tornar-se consciente". Essa questão fica em aberto, por não caber aqui tal debate.

As percepções sensoriais externas e internas são sempre conscientes e Freud (1975) as denomina de sensações e sentimentos. Essas sensações e sentimentos são processos efetuados no interior do aparelho mental, efeitos de deslocamentos de energia psíquica, oriunda da superfície do aparelho mental. Pois, as sensações atingiriam, primeiramente, tal aparelho.

Enquanto para as ideias Ics devem ser criados vínculos para que elas se tornem Cs, para os sentimentos, não há necessidade de tais vínculos. Pois, segundo Freud (1975, p.34), "[...] os sentimentos são ou conscientes ou inconscientes".

Ser consciente é ter consciência de um "eu". Tanto que Freud (1975, p. 26/27) afirma "[...] que em cada indivíduo existe uma organização coerente de processos mentais e chamamos a isso o seu ego". Esse ego é que se relaciona com o mundo

externo, organizando os processos entre o eu (ego) e o não-eu. Tal ego, mesmo no sono, censura os sonhos. Portanto, é esse ego que, de forma inconsciente, promove “[...] as repressões, por meio das quais procura-se excluir certas tendências da mente”. Essa forma inconsciente, foi um passo para além do sistema cartesiano.

E, como foi apontado acima, o lcs não é somente o reprimido, embora todo o reprimido faça parte do inconsciente. Assim também o Ego pode ser parcialmente lcs. E, para a psicologia freudiana, a matéria primordial é a questão do ser ou não consciente.

#### **4.4 O Id**

Na segunda tópica, também conhecida como modelo estrutural da psique humana, Freud inicia descrevendo o Id, pareando-o com lcs da primeira tópica.

Inicialmente Freud (1975, p. 35) propõe dividir o sistema perceptivo (Pcpt) em duas partes. A entidade que começa no Pcs, ele a denomina de Ego e outra parte da mente, “[...] que se comporta como se fosse lcs, de ‘id’”. Vale lembrar que o sistema Pcpt está ligado cinco sentidos. Portanto, o sistema Pcpt é responsável por adquirir, interpretar e organizar os estímulos dados pelos sentidos.

As sensações são oriundas de descargas energéticas. Tais sensações podem causar prazer ou desprazer. Essa energia é denominada por Freud (1975, p.33) “Catexia”, que é a energia libidinal da psique ligada às representações mentais. Nesse sentido, também afirmou que o prazer e o desprazer seriam “[...] ‘algo’ quantitativo e qualitativo no curso dos eventos mentais”. Infere-se que seria a quantidade de libido que determinaria a qualidade do evento mental.

O Id e o Ego estão intimamente ligados, embora um não envolva completamente o outro. O Id é guiado pelo princípio do prazer. O Ego procura substituir esse princípio de prazer pelo princípio de realidade, o que comumente é denominado de “razão”. Portanto, o instinto é o motor do Id e o que move o Ego é a percepção, os sentidos.

#### **4.5 O ego**

Embora o ego participe do Id, o que o torna parcialmente inconsciente, a ideia do ego, segundo Freud (1975), tem sua origem no sistema Pcpt. Pois, antes de ser

um ego metapsíquico, ele é corporal. Portanto, seria fruto de descargas energéticas geradas pelo sistema perceptivo. E, seria pelo sistema perceptivo que o ego cria os processos mentais espacial e temporal. Assim, todas as experiências sensíveis transformam enriquecendo o ego.

Segundo Freud (1975, p. 70), o ego “[...] retira libido do id e transforma as catexias objetais” em estruturas suas. O id sempre tenta submeter o ego. Porém, o ego, “[...] com a ajuda do superego, de uma maneira que ainda nos é obscura, ele se vale das experiências de época passadas armazenadas no id”. Assim, os sentidos estão para o ego assim como os instintos estão para o id.

Para Freud (1975) o sentimento de culpa é gerado a partir da tensão entre a consciência, enquanto realidade do mundo externo, e as ações concretas do ego. Enquanto que os sentimentos sociais são frutos das identificações com as demais pessoas, portadoras do mesmo ideal do ego. A partir dessa afirmativa sobre os sentimentos sociais, ele presumiu que existia uma gradação no ego, a qual ele denominou de ideal de ego, o superego.

#### **4.6 O superego**

Não se pode falar de superego sem definir e esclarecer um termo usado por Freud (1975, p. 47/48), que é o Complexo de Édipo. Pois, o superego surge a partir de duas raízes. Uma histórica, que se dá pela dependência durante a infância, e outra em função da “[...] interrupção do desenvolvimento libidinal pelo período de latência” entre as fases fálica e genital.

Segundo Freud (1975, p. 44), no complexo de Édipo, “[...] o menino desenvolve uma catexia objetal pela mãe, originalmente relacionada ao seio materno, e que é o protótipo de uma escolha de objeto segundo o modelo anaclítico”. Inicialmente o menino se identifica com pai. Porém, com o passar do tempo, o pai se torna um obstáculo no relacionamento do menino com a mãe. Então, surge o ciúme e o desejo de morte do pai. Assim, configurar-se-ia a tragédia grega de Édipo-rei, que foi a de matar o pai e casar-se com a mãe. Segundo Laplanche (2001, p. 77) o complexo de Édipo é o “[...] desejo da morte do rival que é a personagem do mesmo sexo e desejo sexual pela personagem do sexo oposto”. Essa mesma analogia cabe para a criança do sexo feminino. A menina toma o pai

como objeto de paixão e tem a mãe como rival. Para Freud, o complexo de Édipo apresenta seu auge na fase fálica, que é na idade entre três e os cinco anos.

Na fase de latência os impulsos sexuais se tornam assexuados. Como afirmou Freud (1975, p. 42), que nessa fase acontece “[...] uma dessexualização - uma espécie de sublimação”. Quando então, ocorre a “[...] identificação com o pai tomado como modelo” (1975, p. 69) fazendo surgir o superego. Tal identificação seria essencial na construção caráter.

Na dissolução do complexo de Édipo, pode ocorrer uma identificação do menino com a mãe ou com o pai. O normal e mais comum, para Freud (1975), é intensificar a identificação com pai, consolidando o caráter masculino do menino. A mesma análise pode ser feito em relação à menina que, reforçando sua identificação com a mãe, fixa o seu caráter feminino. Se ao contrário, ocorrer uma identificação com o pai, o caráter masculino será fixado na menina. Portanto, a disposição sexual do menino ou da menina está ligada a uma dessas identificações e aí entra o papel do superego, que é o de reprimir o complexo de Édipo.

Assim, segundo Freud (1975, p. 49), “[...] o ideal do ego, portanto, é o herdeiro do complexo de Édipo, e, assim, constitui também a expressão dos mais poderosos impulsos e das mais importantes vicissitudes libidinais do id”. Para Freud (1975) o superego está muito próximo do Id do que do Ego. Logo, pode-se inferir que está mais próximo do inconsciente, que do consciente e que superego atua com o Id para desenvolver e comandar o Ego. Como afirmou Freud (1975, p. 62), que assim “[...] como a criança esteve um dia sob a compulsão de obedecer aos pais, assim o ego se submete ao imperativo categórico do seu superego”. Tanto na questão da moralidade, Freud (1975) afirmou que o id é totalmente amoral, do ego se esforça por ser moral e superego é supermoral.

Vale lembrar que “imperativo categórico” é apontado por Kant como uma prescrição para uma ação boa em si. E, segundo o filósofo, somente uma ação balizada pelo imperativo categórico pode ser considerada como moral. Pois, tal imperativo seria uma lei prática, que impõe ao homem agir “[...] *segundo uma máxima tal que possa querer ao mesmo tempo em que se torne lei universal*”. (KANT, s/d, p. 70). Dito de outra forma: Age de tal forma que tal ação possa ser universalizada.

Para Freud (1975, p. 51), a sociabilidade, a moralidade e religiosidade, nos primórdios da humanidade, eram uma e mesma coisa. E tais coisas seriam filogeneticamente adquiridas pelo superego. Sendo adquiridas filogeneticamente, seriam transmitidas de uma geração para outra. Essa transmissão filogenética tem um problema. Ela só poderia ser pelo Id. Porém, o Id não sofre ações do mundo externo. Toda e qualquer ação sofrida externamente pelo sujeito é através do ego. A explicação freudiana é que as experiências do ego que “[...] se repetem com bastante frequência e com intensidade suficiente em muitos indivíduos, em gerações sucessivas, transformam-se, por assim dizer, em experiências do id, cujas impressões são preservadas por herança”. Portanto, seriam transmitidas por herança genética e tais experiências tenderiam a se tornarem perenes.

Essa divisão triádica em Id, ego e superego, é de grande valia a compreender com clareza e distinção as relações dinâmicas que ocorrem na mente humana.

#### **4 CONSIDERAÇÕES**

Nas considerações finais vamos responder a perguntas feitas na introdução sobre as semelhanças e diferenças entre os sistemas cartesiano e freudiano de mente.

A primeira grande diferença que podemos identificar é que Descartes se preocupou com mentes e ajustadas em relação ao mundo e as coisas do mundo. Já, a preocupação de Freud foram as mentes desajustadas em relação ao mundo e as coisas do mundo e como reajustá-las para que o sujeito retomasse uma vida socialmente aceitável.

Pode-se também apontar como grande outra diferença é que o sistema anímico proposto por Descartes está mais próximo do sistema de platônico-agostiniano, enquanto que o sistema de Freud está mais próximo do aristotélico-tomista.

Outra aparente diferença é que Descartes defende um dualismo substancial. A res extensa e a res cogitans são substâncias diversas. Pois, enquanto a res extensa é física, espacial e temporalmente localizada, a res cogitans seria algo metafísico, não localizada espacial e temporalmente. E, aparentemente, Freud defende um dualismo conceitual. Parece que “energia”, “força”, “impulso”, “investimento” e “libido”, são oriundos de uma disposição eletrônica corporal. Mas,

inegavelmente, o sistema freudiano é dualista. Essa dualidade é explicitada na afirmação de que “[...] “instinto” é o um dos conceitos de demarcação entre o psíquico e o físico” (Freud, 2016, v. 6, p.67). E ainda, que a excitação sexual “[...] se manifesta por dois tipos de sinais, os psíquicos e os somáticos” (Freud, 2016, v.6, p. 123). Deixando assim claro que corpo e mente (psique) são coisas distintas. Essas afirmações sugere forte cartesianismo, embora, possivelmente, redutíveis uma à outra. Tanto que ele afirma que os sujeitos são compostos de corpos “[...] de elementos químicos diversos, diferenciados pela quantidade de tais elementos”. Então, independentemente se o sujeito é normal ou não, o que interessa não são os complexos e conflitos, “[...] mas se estes se tornaram patogênicos e, caso tenham se tornado, que mecanismos empregaram para isso”. (Freud, 2010, v. 10. p. 247/248).

As semelhanças são muitas. Porém, aqui serão apontadas as mais evidentes e significativas para esse estudo. Uma delas é que além de ambos dividirem os seres humanos dualisticamente, também dividem a mente humana (psique) triadicamente. Descartes trabalhou com ideias inatas, as inventadas e as vindas de fora do sujeito. Freud trabalha com Id, ego e superego. Obviamente que o sistema freudiano é muito mais elaborado e com descrições mais sofisticadas. Mesmo porque, como já apoutou-se, Descartes não se preocupou com mentes desajustadas como o fez Freud. É verdade que Freud estudou a mente humana de forma genérica. Porém, ateve-se mais no modelo de como ajustar as mentes desajustadas ao mundo e às coisas do mundo.

O modelo cartesiano de mente é metafísico. Pois, enquanto a res extensa é física, espacial e temporalmente localizada, a res cogitans seria algo metafísico, não localizada espacial e temporalmente. Freud (2010, v. 12, p. 89) propôs que para “[...] descrever um processo psíquico em suas relações dinâmicas, topológicas e econômicas” fosse usado o termo metapsicologia. E, metapsicologia, nada mais é do que uma metafísica da psicologia. E, como apontou Perez, (2017, p. 37), Freud comparava “[...] sua metapsicologia com a metafísica, como se fosse uma espécie de *background* de fenômenos observáveis”. Portanto, o sistema freudiano tem resquícios metafísicos.

Como apontamos, segundo Descartes, as ideias de Deus, de perfeição, do Eu-existente, das figuras geométricas, de infinito, dos números, etc. por serem próprias da natureza humana, são inatas. Portanto, são perenes. Para Freud, as ideias morais são adquiridas filogeneticamente pelo superego. Sendo adquiridas

filogeneticamente, só podem ser transmitidas, de uma geração para outra, pelo Id. Portanto, as ideias morais, em Freud, também são perenes. Embora Freud seja de matriz culturalista, nessa questão dos valores morais, ele se rende ao geneticismo.

Como sou de matriz mais geneticista, a seguir replico, como pequenas modificações dois parágrafos de um texto escrito em 1998, chamado “LIBERTAS: Um movimento físico do cérebro” (vide referências). Primeiro não podemos confundir o geneticamente herdado com o socialmente possibilitado ao homem. A biologia, por si só, não sela o destino de alguém. Visto que, nenhum homem nasce com genes definidos para ser excluído ou sem-terra. Mas, o excluído ou sem-terra pode nascer com genes definidos para ser cardíaco, canceroso, suicida, homossexual, alcoólatra, bandido<sup>2</sup> ou com mongolismo. Assim como, ninguém nasce com genes para ser com-terra, rico, senhor, príncipe ou rei. Mas, o com-terra, rico, senhor, príncipe ou rei pode nascer com genes definidos para ser cardíaco, canceroso, suicida, homossexual, alcoólatra, bandido ou com mongolismo.

Assim, entendemos que as tendências humanas tais como: suicídio, banditismo, agressividade, homossexualismo, misticismo, religiosidade ou, até mesmo, as tendências políticas (esquerda/centro/direita) são geneticamente inscritas. Bem como, os vícios e as virtudes humanas. Em outras palavras, não estão no adquirido, não são determinadas totalmente pelo externo, elas nasceriam com o sujeito. Metaforicamente seria como o hardware e software, no qual aquele seria o a priori genético e este o a posteriori adquirido. Sendo que o software, muitas vezes, não é compatível com o hardware, podendo então, causar tensões sociais. Pois, pensamos que o homem não nasce uma "tabula rasa" como afirmou John Locke.

Também replico, como pequenas modificações, um parágrafo de outro texto chamado A HOMOFOBIA E O MITO ADÂMICO: O problema da aceitação do diferente (vide referências), escrito em 2006, no qual aponto que caso o homossexualismo não fosse algo dado pela natureza, em função da alta a repressão social - Igreja, Estado, escola e família – ao longo dos séculos, teríamos que admitir o seu desaparecimento enquanto comportamento sexual. Embora a homossexualidade tenha sido listada pela Organização Mundial de Saúde como uma doença mental, ninguém optaria ou escolheria ser infeliz e discriminado

---

<sup>2</sup> Bandido aqui é a pessoa com grau de agressividade tão elevado que é incapaz de respeitar qualquer lei social.

socialmente. Mas, o homossexualismo existe e persiste e continuará existindo enquanto existir a humanidade. Pois, ele é uma organização genética da natureza. Usando um termo criado por Konrad Lorenz (apud Popper, 1986, p. 50), dir-se-ia que a alma não é uma folha em branco, ela vem com “improntações” (*imprinting*).

Para a argumentação acima, Freud (2016, v. 6, p.167) respondeu que é próprio dos teóricos terem inclinações geneticistas, mas “[...] a prática terapêutica enfatiza a importância” das vivências acidentais da infância. Portanto, dos influxos culturais.

Para concluir, queremos dizer que, embora, possa-se divergir de algumas teorias freudianas, mas Freud, indiscutivelmente, foi o maior pensador sobre a mente humana do século XX.

Curitiba, agosto de 2021.

## REFÊNCIAS

DESCARTES, René. **Meditações** (Os Pensadores). Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Jr. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

FREUD, S. **O Ego e o ID: Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

\_\_\_\_\_. **Obras completas**, v. 6. São Paulo: Cia das Letras, 2016.

\_\_\_\_\_. **Obras Completas**. v. 10. São Paulo: Cia. Das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_. **Obras Completas**. v. 12. São Paulo: Cia. Das Letras, 2010.

GARCIA-ROZA, Luiz A. **Freud e o Inconsciente**. 22ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

KANT, Immanuel. **Fundamentos da Metafísica dos Costumes**. Trad. Lourival Q. Henkel. Rio de Janeiro: Tecnoprint S/A, 19???. ISBN 85-00-91186-7

LAPLANCHE J, e PONTALIS. **Vocabulário da Psicanálise**. 4a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PEREZ, Daniel O. **O Inconsciente: Onde mora o desejo**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

POPPER K. **Autobiografia intelectual**. São Paulo. Editora Cultrix, 1986.

SILVA, Antonio C. **A relação mente/corpo e a herança cartesiana**. Curitiba: Juruá, 2010.

\_\_\_\_\_. **Libertas**: Um movimento físico do cérebro. Disponível em: <https://acslogos.com.br/libertas-um-movimento-fisico-do-cerebro/>. Acesso em: 08/07/2021.

\_\_\_\_\_. **A HOMOFOBIA E O MITO ADÂMICO**: O problema da aceitação do diferente. Disponível em: <https://acslogos.com.br/a-homofobia-e-o-mito-adamico/>. Acesso em: 08/07/2021